

Por uma história “em trânsito”

VIRGÍNIA BUARQUE*

Resumo: Este artigo sintetiza a abordagem do saber histórico promovida por Michel de Certeau sob o viés da interdisciplinaridade e em interlocução com a fenomenologia. Sugere-se que, para Certeau, o relato histórico consiste em um sentido político-existencial que não se atém a representações, identidades, ideologias; pelo contrário, delinea-se como um incessante processo de desinstalação-emergência de si (dos sujeitos no mundo) em diálogo com as alteridades. Dois aspectos da reflexão serão privilegiados: inicialmente, o tríplice emprego da palavra – no reconhecimento da perda e vivência do luto; na enunciação da denúncia e nas reivindicações de transformação; no acionamento de desejos e esperanças como criação de alternativas ao vivido –; a seguir, o recurso à corporeidade frente às espoliações e silenciamentos, mas também como expressão de afetivas sensibilizações.

Palavras-chave: história, Michel de Certeau, interdisciplinaridade.

Abstract: This paper aims to synthesize the approach of historical knowing history as promoted by Michel de Certeau in the bias of interdisciplinarity and in a dialogue with phenomenology. It is suggested that, for Certeau, the historical account consists of a political-existential sense that does not adhere to representations, identities and ideologies; on the contrary, it outlines how an incessant process of an emergency uninstallation process of the self (of subjects in the world) in dialog with alterities. The focus will

* Professora da Universidade Federal de Ouro Preto / Instituto de Filosofia, Artes e Cultura. Campus Morro do Cruzeiro – Ouro Preto – MG – Brasil. virginiacastrobuarque@gmail.com.
Telefone: 55.31.3559-1408.

be on aspects of reflection. Initially, the threefold use of the word - in recognition of the loss and the experience of mourning; in the formulation of complaint and demands of transformations; the actuation of wishes and hopes as creating alternatives to what has been lived through. Finally we talk about corporality in front of exploitation and silencing, but also as an expression of affective awareness.

Keywords: history, Michel de Certeau, interdisciplinarity.

Introdução

Pois isto é sintoma de estar-se abrigado: tomar-se como centro do mundo.¹

Este artigo foi originalmente apresentado na Mesa Temática "O outro e eu: um diálogo entre fenomenologia e história", integrante do III Simpósio de Fenomenologia da Vida, promovido pelas Faculdades EST em setembro de 2016, o qual teve como questão central "O outro: migrações e refugiados na fronteira da vida". Recebi com um misto de apreensão e alegria o convite para participar da Mesa Temática, já que não sou uma especialista na reflexão acerca do drama da desinstalação forçada de milhões de pessoas na contemporaneidade e, sobretudo, por perceber-me defrontada com essa alteridade desenraizada, perante quem nos indagamos sobre como nos aproximar de forma mais efetiva.

Comentando com minha amiga psicanalista Beatriz Hargreaves sobre esse meu estranhamento diante da questão que me fora proposta, mas que gostaria que não me deixasse paralisar, ela apresentou-me um pequeno texto de Vilém Flusser², intitulado "Nossa Morada". Os deslocamentos de pessoas e de povos suscitavam neste autor interrogações simultaneamente filosóficas e autobiográficas, já que ele próprio viu-se compelido a sucessivas migrações³. No referido texto, ele afirma:

¹ FLUSSER, Vilém – *Bodenlos: uma autobiografia filosófica*. São Paulo: Annablume, 2007, p. 28.

² Para uma pontual síntese biográfica do autor, ver: Alguns traços da vida e obra de Vilém Flusser. *IHU On-Line*. 20 ago. 2012. [Consulta: 30 ago. 2016]. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4565&secao=399>. Ver também FEITOSA, Charles – *Pensar/migrar: filosofia da migração em Vilém Flusser*. [Consulta 31 ago. 2016]. Disponível em: <<https://revistapolichinelo.blogspot.com.br/2011/05/pensar-migrar-filosofia-da-migracao-em.html>>.

³ FLUSSER, Vilém – *Bodenlos: uma autobiografia filosófica*. "Nasci em Praga e meus antepassados parecem ter morado por mais de mil anos na cidade dourada. Eu sou judeu e a frase 'no ano que vem em Jerusalém' me acompanha desde a infância. Estive envolvido por três décadas na

Está se processando profunda modificação da forma como moramos. Modificação comparável apenas àquela no início do neolítico, quando passamos ao estágio sedentário. Estamos abandonando a forma sedentária da vida. Estamos de mudança, indivíduos e grupos. Observador distanciado da atualidade terá imagem de formigueiro espantado por pé transcendente.

Não pode tratar-se, no caso, de retorno ao nomadismo. Ciganos não estão de mudança; estão enraizados na tribo. Morar não é dormir em cama imóvel, mas viver em ambiente habitual. O lar não é lugar fixo, mas ponto de apoio merecedor de confiança. Ter perdido um lar não é ter abandonado um lugar, mas ter que viver em lugar inabitual, portanto inabitável. Ter que viver em um ambiente no qual não nos reconhecemos. Estamos em mudança, porque o nosso mundo se transformou tão rapidamente, que se tornou inabitual e inabitável. Não podemos nos reconhecer nele.⁴

A leitura de Flusser, a despeito de defrontar-nos com tal estado de instabilidade, simultaneamente existencial, cultural e histórico-política, trouxe-me, paradoxalmente, alento e coragem. Isto por ter tornado perceptível para mim como a experiência sobre a qual eu fora convidada a refletir, trazendo contribuições específicas do saber histórico, era algo com que me deparo a cada dia, não me encontrando alheia a ela. Claro, o grau de padecimento e até de dilaceramento que milhões de pessoas se veem submetidas face a radicais desenraizamentos é muito mais intenso do que o meu, ou o da maioria das pessoas aqui presentes. Uma vivência, porém, nos irmana – estamos caminhando sobre um solo que se esfacela a cada passo, e é forçoso reconhecer que temos muito poucas garantias (ou mesmo nenhuma) de para onde nos dirigimos, como indicado no depoimento que transcrevo a seguir, a título de exemplo:

O fato de que o mundo passou a conviver com milhões de pessoas rejeitadas, sem ter um estatuto legal definido, é ao mesmo tempo uma das consequências da política contemporânea, que resultou na criação dos regimes totalitários, e uma de suas heranças. Ainda hoje, a figura de cidadãos sem

tentativa de construir uma cultura brasileira a partir da mistura entre elementos europeus ocidentais e orientais, africanos, asiáticos e indianos. Moro em uma aldeia na Provence, fui incorporado visceralmente nessa comunidade atemporal. Fui educado pela cultura alemã e participo dela já há muitos anos. Enfim, não tenho pátria, porque muitos lares ou pátrias se acumulam em mim. Isso se exterioriza diariamente no meu trabalho. Sinto-me em casa em quatro línguas e sou obrigado a retraduzir tudo que escrevo nessas quatro línguas.”

⁴ IDEM – *Pós-história: vinte instantâneos e um modo de usar*. São Paulo: Duas Cidades, 1983, p. 73.

direitos em países ditos democráticos é um alerta quanto aos riscos que corremos ao aceitar dividir o mundo entre os que têm direitos e os que vivem numa terra de ninguém onde todos os excessos são possíveis.⁵

Diante dessa minha (e, ousou dizer, nossa) inserção numa experiência de proporções mundiais, que assim nos desloca de uma posição supostamente preservada de observadores analíticos (ainda que solidários), pude então reconhecer em mim um prévio itinerário de questionamentos e interpretações tecidas no campo do saber histórico; é com base nessa trajetória que me permiti estar aqui, hoje, como uma das narradoras desse caminhar migrante e refugiado.

Ademais, posso afirmar que, neste percurso desenraizante, me fiz acompanhar por um dos mais instigantes historiadores contemporâneos, que em seu trabalho manteve nítidos enlaces com a matriz fenomenológico-hermenêutica: trata-se do jesuíta Michel de Certeau⁶. Este intelectual, sensibilizado pela presença errante de tantos sujeitos ao longo da história (dos místicos do século XVII a moradores em situação de rua na atualidade), cuja desinstalação geralmente mostra-se indissociável de espoliações e desqualificações que lhes foram impingidas, buscou incessantemente escutar suas vozes, seus gestos, suas “deambulações”, a fim de perceber, a partir dessa dinâmica movente, a constituição intersubjetiva e política do “si”. Em paralelo, Michel de Certeau também interrogava-se como produzir uma escrita histórica que assegurasse, em termos epistêmicos, o respeito a esse trânsito concomitantemente pessoal e sociocultural:

Onde o mapa demarca, o relato faz uma travessia. O relato é *diégese*, como diz o grego para designar a narração: instaura uma caminhada (‘guia’) e passa através (‘transgride’). O espaço de operações que ele pisa é feito de movimentos: é *topológico*, relativo às deformações de figuras, e não tópico, definidor de lugares. [...] Se o delinquente só existe deslocando-se, se tem por especificidade viver não à margem, mas nos interstícios dos códigos que desmancha e desloca, [se] ele se caracteriza pelo privilégio do percurso sobre o estado, o relato é delinquente. [...] Resta saber, naturalmente, que mudanças efetivas produz em uma sociedade esta narratividade delinquente.⁷

⁵ BIGNOTTO, Newton – Arendt e o totalitarismo. *Revista Cult*, 129 (14 mar. 2010). [Consulta: 31 ago. 2016]. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/arendt-e-o-totalitarismo/>>.

⁶ Sobre Certeau, ver RIZZI, Filippo – De Certeau, um “sujeito de inquietação verdadeira”. *IHU On-Line*, 12 jan. 2016. [Consulta: 12 jun. 2016]. Disponível em: <<http://ihu.unisinos.br/noticias/550739-de-certeau-um-qsujeito-de-inquietacao-verdadeiraq>>.

⁷ CERTEAU, Michel de – *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 215-217.

Daí o interesse de Certeau pelas figuras do andarilho, do transeunte, nas quais seus biógrafos reconheceram uma autoprojeção dele mesmo: “Àqueles que o questionavam sobre sua identidade, Michel de Certeau amava responder: ‘eu sou um peregrino’, um ‘itinerante do desejo’, ou ainda ‘um caminhante da cidade’”⁸. Dessa maneira, Certeau, que além de historiador também detinha formação em teologia, filosofia, psicanálise e linguística, não cessava de deslocar-se através dos saberes, dos grupos, dos tempos e das instituições, por considerar que tais fixações político-culturais geralmente silenciavam, mediante diferentes práticas de violência, a voz do diferente, da alteridade, desse “estrangeiro”, como descreveu sua amiga Luce Giard: “Certeau não ignora a instituição, pelo contrário, ele não cessa de reencontrá-la em cada domínio que ele explora pelo pensamento, ao mesmo tempo que ele não cessa de subtrair-se a ela, com essa mobilidade das táticas do ‘frágil’, recusando a ‘lei do lugar’”⁹.

Atrevo-me, assim, a esboçar uma resposta àquela questão que, a princípio, me fizera estremecer: como aproximarmo-nos do dilema de migrantes, refugiados e apátridas, percebendo-o também como nosso? Sugiro que o façamos mediante a formulação de uma narrativa histórica “em trânsito” inspirada em Michel de Certeau, a qual mantém, por sua vez, grande afinidade com um Simpósio dedicado à fenomenologia da vida¹⁰. Mas, para tanto, considero ser necessário que essa narrativa congregue três operações de significação do vivido: a escuta do outro, a afetação de si e o compartilhar de sentido. Pontuemos cada uma delas. Antes de tudo, parece-me que tal história “em trânsito” só pode ser constituída como um ato de escuta, isto é, ela configura-se como um volume “[que] se *ouve* mais do que se vê [...] trata-se no caso de um texto sonoro. Ele oscila entre a linha (linearidade) e a voz (polissemias)”¹¹. Simultaneamente, é fundamental que o ouvinte-intérprete disponha-se a deixar-se afetar por essa escuta, pois, ainda segundo Certeau, “a História é o privilégio que é necessário recordar para não esquecer-se a si próprio”¹². Em culminância, tal escuta-afetação mútua desdobra-se no compartilhamento

⁸ GIARD, Luce (org.) – *Le Voyage mystique, Michel de Certeau*. Paris: Recherches de Sciences Religieuses/Du Cerf, 1988, p. 76.

⁹ IDEM – *Mystique et politique, ou l’institution comme objet second*. In: GIARD, Luce; MARTIN, Hervé; REVEL, Jacques. *Histoire, mystique et politique. Michel de Certeau*. Grenoble: Jérôme Millon, 1991, p. 42-44.

¹⁰ A narrativa histórica em “trânsito”, aqui proposta, corresponde ao “relato histórico testemunhal”, cujas premissas teórico-metodológicas busquei sistematizar em artigo publicado em coautoria com Nara Rúbia de Carvalho Cunha na revista *Lócus* do segundo semestre de 2016.

¹¹ CERTEAU, Michel de – *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p. 303-304.

¹² *Ibidem*, p. 15.

com terceiros desse relato que sensibilizou-nos a ponto de nos levar a falar ou emudecer, a chorar ou sorrir, mas certamente também a escrever:

Por que escrever? Não deixar desaparecer. [...] Algo de *outro* chegava até mim, talvez imemorial, e que de maneira alguma eu podia guardar, devia ao menos permanecer sob essa figura que o empobrecia e que me escapava: a escrita. [...] A escrita traçava então esta dupla ausência a mim mesmo: a que me abria uma janela e a que me impedia de permanecer à janela. [...] notas, reflexões, estudos. Escritas-labores. [...] elas compõem o pontilhado de uma deriva. [...] Elas consistiam mais em *passar* do que em estabelecer. Uma espécie de sofrimento inventor e cursivo entre as linhas e margens tornava-se uma hermenêutica do outro [...]. Gesto de abertura de um caminho [...] um resto, escrita, atribuo a dupla função de indicar aos outros, leitores desconhecidos, a pista de um minúsculo exílio, e de tornar possível um passo adiante.¹³

Juntamente a essa tríade de elementos teóricos (a escuta, a afetação, a partilha de sentido), é também fundamental explicitar os aportes socioculturais de uma narrativa histórica “em trânsito”. Em meu entender, dois deles são cruciais: a relação dos interlocutores com a palavra e com o corpo¹⁴. Esta última dimensão consiste, de forma muito especial, numa imbricação da intersubjetividade com a morte e com o amor. Observe-se que as imbricações aqui sugeridas concernem bem mais a uma “maneira de fazer” ou a um “estilo” de narrativa histórica, formulada na interface entre a vida em contínua transmutação e a prática de escrita, do que a uma metodologia de pesquisa, como apregoado por Michel de Certeau:

É preciso, portanto, identificar esquemas de operações. Como na literatura se podem diferenciar ‘estilos’ ou maneiras de escrever. [...] Assimiláveis a modos de emprego, essas maneiras de fazer criam um jogo mediante a estratificação de funcionamentos diferentes e interferentes. Considero que essa narrativa “em trânsito” consiste em uma modalidade de relato histórico que viabilize novas frentes para um estar no mundo diferenciado entre sujeitos-historiadores e sujeitos-outros, entre a academia e a vida. [...] Essas operações de emprego – ou melhor de reemprego – se multiplicam com a extensão dos fenômenos de aculturação, ou seja, com os

¹³ IDEM – *Écritures*. In: CENTRE GEORGES POMPIDOU. *Michel de Certeau*. Paris: Centre Pompidou, 1987, p. 13-14. Grifos do autor.

¹⁴ A relação com o tempo também porta fundamental importância, mas devido aos limites desta exposição não será possível abordá-la.

deslocamentos que substituem maneiras ou 'métodos' de transitar para identificação com o lugar. Isso não impede que correspondam a uma arte muito antiga, de 'fazer com'.¹⁵

1. Através da palavra

Não obstante, é preciso reconhecer que escutar as vozes das alteridades em uma narrativa histórica "em trânsito", como nos propõe Michel de Certeau, apresenta-se como sendo cada vez mais difícil, face ao crescimento das oposições em todo o planeta quanto ao acolhimento e ao diálogo com migrantes e refugiados.

Se quase diariamente há atentados na Síria e no Iraque, isso em pouco nos preocupou durante vários anos. Apenas quando um dos nossos é degolado ou um atentado tem lugar no coração da Europa é que, egocentrados, decidimos olhar para o problema. Assustados, não é que façamos algo de concreto, mas acordamos, ficamos assustados e regressamos aos medos antigos, ao fechamento, ao olhar para o tal 'outro'. [...] Obviamente, esta crise de migrantes era mais que esperada. O crescimento demográfico de países pobres, a relativa prosperidade de grande parte da Europa, aliada às representações que os *media* ajudaram a criar de uma Europa que lhes chega através das séries televisivas, tudo isto levaria, mais crise, menos crise, a uma movimentação de gentes como a que estamos a viver neste momento [...]. Uma Europa falida de projeto, incapaz de fugir à gestão quotidiana das crises financeiras, negadora da capacidade da utopia, tem nos eventos do terrorismo e dos refugiados uma excelente oportunidade de ter, finalmente, um bode-expiatório para os seus desaires já muito antes pressentidos.¹⁶

É necessário também admitir que, por vezes, paira certo constrangimento na relação entre muitos de nós, intelectuais autóctones, vinculados em maior ou menor grau à Academia e ao Estado, e os sujeitos que passam pela experiência de radical desenraizamento, justamente em função de um

¹⁵ CERTEAU, Michel de – *A Invenção do Cotidiano*, p. 92-93.

¹⁶ PINTO, Paulo Mendes – "Hoje Bruxelas, amanhã talvez Portugal": desafios em tempos de refugiados, migrantes e terrorismo. 4 maio 2016. [Consulta: 30 ago. 2016]. Disponível em: <<http://visao.sapo.pt/opiniao/bolsa-de-especialistas/2016-04-05-Hoje-Bruxelas-amanha-talvez-Portugal-desafios-em-tempos-de-refugiados-migrantes-e-terrorismo>>. Ver também: SOUZA, Marcia Maria Cabreira M. de; GERALDO, Denilson – Migração e urbanização no contexto da evangelização. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, 48: 2 (mai./ago. 2016) 335-355.

estranhamento mútuo. Com isso, o foco de muitos estudos acaba recaindo na dimensão estrutural, seja político-administrativa, econômico-laboral ou mesmo étnico-identitária, sem que se criem canais de escuta para o deixar-se afetar pela voz desse outro:

No caso brasileiro, com uma forte ênfase em examinar os itinerários dos migrantes e experiências identitárias, o conjunto das reflexões ainda encontra-se influenciado por amplas leituras do impacto demográfico da imigração para o país, limitando a enunciação do/da investigador/a em perceber os fenômenos migratórios em suas conexões a partir das experiências dos próprios migrantes. Mantém-se uma rigidez a partir da ideia de que os dados demográficos são uma maneira de enunciar a escala do campo investigado. O paradoxo é que os próprios demógrafos consideram suas tabelas como uma chave para novas indagações sobre os rumos e diversificação do fenômeno migratório.¹⁷

É evidente que este silenciamento dificulta ainda mais a promoção de um diálogo intercultural entre pessoas, grupos e em âmbito institucional, ou seja, uma dinâmica mais inclusiva de saberes e poderes. Tarefa nada simples!

Na realidade, essas diferenças devem ser conhecidas e reconhecidas como fonte de aprendizados recíprocos. Penso que a primeira dificuldade é sempre idiomática e de expectativas divergentes entre os que recebem e os que chegam. Aprender idiomas como o inglês e o espanhol seriam ferramentas de reinserção laboral mais sintonizadas com a ideia de colocar esses sujeitos em contato com carreiras e reencontros familiares mais amplos. Creio que ainda navegamos de forma muito provinciana, na perspectiva da integração e adaptação, como se torná-los parte de nossas vidas fosse uma forma positiva de adaptação. A perspectiva bem intencionada da integração corre o risco de reduzir a capacidade desses sujeitos, a longo prazo, de reconectarem-se com familiares em outros países. Mas, por certo, as pessoas que levaram a recepção a esses refugiados vivenciaram aspectos mais sensíveis sobre esse período de reconstrução de vidas de pessoas vítimas de violência e que foge de qualquer teoria geral sobre os refugiados. Cada caso é uma vida sendo reconstruída.¹⁸

¹⁷ TRPIN, Verónica; JARDIM, Denise F – Tendencias de los estudios migratorios en Brasil y Argentina: desafíos actuales. *Odisea. Revista de Estudios Migratorios*, 2: 8 (oct. 2015) 134-156, p. 147.

¹⁸ JARDIM, Denise F. – Imigrante ou refugiado: diferentes perspectivas de vida. *IHU On-Line*. 23 maio 2011. [Consulta: 31 ago. 2016]. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3878&secao=362>.

Mas, de forma concomitante, mostra-se indispensável perguntar: os migrantes e os refugiados desejam pronunciar tais falas? Esse dizer, certamente, vem acompanhado por uma revivificação das dificuldades ou dilemas que culminaram na decisão de partir. Donde muitos reiterarem desejar "esquecer o passado", como elemento indispensável à pretendida reconstrução da vida¹⁹. Como na poesia de José Cardoso Pires, *Fumar ao Espelho*, "Certo, cinquenta é muito ano. Muito silêncio, muita humilhação. Mas diz-me, espelho, vale a pena recordá-los?"²⁰. Não obstante, vários desses sujeitos desinstalados escrevem suas memórias, exibem carinhosamente as fotografias que conseguiram trazer, mantêm objetos que os remetem àquele passado que declararam almejar apagar da lembrança. São vozes que teimam em ser pronunciadas, apesar das dificuldades de sua escuta por todos os envolvidos nessa história.

A despeito de tantos obstáculos, considero que uma narrativa histórica "em trânsito" procede a um tríplice processo de ressignificação da vida a partir da circulação da palavra escutada. Por um lado, ela constitui-se em rito fúnebre e de luto, nas ocasiões em que a perda mostra-se irreversível²¹. Isto é crucial, porque para muitos sujeitos duramente atingidos pela desinstalação, a continuidade da vida pode parecer-lhes demasiadamente dolorosa.

Falar do luto no contexto migratório é uma tentativa de trazer ao debate as 'mortes cotidianas', às quais o imigrante está vulnerável especificamente por sua condição. [...] morrer pode ser um ato individual, mas a mundanidade da morte é 'vívda' na coletividade que lhe conforma simbolicamente. [...]

A perda de si, a perda de um pertencimento, a perda de um vínculo e a perda de um sentido são modos que revelam um luto coletivo. [...] [procedeu-se à] identificação, nos casos estudados, de diferentes formas de luto vivenciadas por imigrantes, refugiados e apátridas: luto pelo sonho não realizado, pela privacidade ou familiaridade, pela liberdade, por referências, pela perda do vínculo anterior, pelo reconhecimento, pela valorização profissional e pelo

¹⁹ LECHNER, Elsa – Subjetividades confiscadas: silêncios e silenciamentos num terreno etnográfico. *Fórum Sociológico*, 22 (2012) 83-89.

²⁰ Cf. MARGATO, Izabel – "Fumar ao Espelho": relações, posicionamentos, citações. In: MARGATO, Izabel; GOMES, Renato Cordeiro (org.). *Espécies de espaço: territorialidades, literatura mídia*. Belo Horizonte: UFMG, 2008, p. 113: "A expressão 'Fumar ao Espelho' remete a dois textos de José Cardoso Pires: o primeiro, publicado em 1977, com o título 'E agora, José?', e o segundo que, com o título 'Fumar ao Espelho', compõe a entrada 'Auto-retrato' do livro de entrevistas feitas a Cardoso Pires em 1990 por Artur Portela."

²¹ GAGNEBIN, J. M. – Verdade e memória do passado. In: IDEM. *Lembrar. Escrever. Esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2009, p. 43.

respeito à dignidade humana, pela alimentação, pela ausência do conhecido e amado, pela saúde, por orientação e direção, pela autoestima, pelo convívio social bem como o luto impedido ou negado.²²

Simultaneamente, a circulação da palavra em uma narrativa histórica “em trânsito” atua como elemento de resistência e combate contra o engodo, a exploração e a destruição, quer revertendo situações no tempo presente (pela mobilização político-social que suscitam), quer evitando novos malefícios (pelo inconformismo ético que provocam).

Atualmente, cerca de 10 milhões de pessoas são consideradas apátridas em todo o mundo. Segundo dados revelados pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur), estima-se que uma criança nasça a cada dez minutos sem qualquer nacionalidade. Este fenômeno ocorre sobretudo porque as mulheres dão à luz ao longo de suas jornadas em busca de refúgio, de modo que muitos nascimentos acabam não sendo registrados em meio aos conflitos.

[...] Após coletar depoimentos de 250 pessoas, a agência explica que os menores se descrevem como ‘invisíveis’, ‘extraterrestres’, ‘vivendo nas sombras’, ‘cachorros de rua’ e ‘sem valor’.

[...] Esses testemunhos fazem parte de um novo relatório publicado pelo Acnur que é lançado nesta semana junto à campanha “#IBelong” (‘Eu pertenço’), que tem como intuito o fim da condição de apátridas até 2024.²³

Além disso, a circulação da palavra em uma narrativa histórica “em trânsito” mostra-se também capaz de revitalizar memórias de expressivo valor ético que haviam sido sufocadas, reapresentando-as sob a figura da utopia ou da promessa. O acionamento dessas lembranças confere-lhes um aspecto performativo, associado à possível emergência de novas identidades e práticas, como sugerido pelo escritor moçambicano Mia Couto, em seu primeiro romance, *Terra Sonâmbula*, publicado em 1992. Um dos relatos do livro

²² PEREIRA, Rosa Martins Costa; GIL FILHO, Sylvio Fausto – Uma leitura da mundanidade do luto de imigrantes, refugiados e apátridas. *GeoTextos*, 10: 1 (dez. 2014) 191-214, p. 201, 211.

²³ A cada dez minutos, nasce uma criança sem nacionalidade no mundo, estima ONU. *Opera Mundi*, 3 nov. 2015. [Consulta 30 ago. 2016]. Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/mundo/2015/11/a-cada-10-minutos-nasce-uma-crianca-sem-nacionalidade-no-mundo-estima-onu-3855.html>>.

[...] enfoca a história do jovem Kindzu, que vivia com os pais e o irmão caçula em uma aldeia até então pacífica, mas o irmão é raptado, o pai morre e a mãe enlouquece. Kindzu resolve, então, partir dali para juntar-se aos *naparamas*, guerreiros que ele acreditava serem capazes de acabar com a guerra. Ele narra suas aventuras (e desventuras) em caderninhos, como se fossem diários. [...] Nas páginas finais do romance, Kindzu sonha que está se transformando em um naparama, mas, antes da transformação, ele ouve as palavras proferidas por um feiticeiro sobre um futuro aterrador: *‘Chorais pelos dias de hoje? Pois saibam que os dias que virão serão ainda piores. Foi por isso que fizeram esta guerra, para envenenar o ventre do tempo, para que o presente parisse monstros no lugar da esperança. Não mais procureis vossos familiares que saíram para outras terras em busca da paz. Mesmo que os reencontreis eles não vos reconhecerão. Vós vos convertêsteis em bichos, sem família, sem nação. Porque esta guerra não foi feita para vos tirar do país mas para tirar o país de dentro de vós’*.

[...] Era necessário, portanto, um novo princípio que transformasse os bichos em gente novamente. Mas como isso aconteceria? *‘Porém, restará uma manhã como esta, cheia de luz nova e se escutará uma voz longínqua como se fosse uma memória de antes de sermos gente. E surgirão os doces acordes de uma canção, o terno embalo da primeira mãe. Esse canto, sim, será nosso, a lembrança de uma raiz funda que não foram capazes de nos arrancar. Essa voz nos dará a força de um novo princípio e, ao escutá-la, os cadáveres sossegarão nas covas e os sobreviventes abraçarão a vida com o ingênuo entusiasmo dos namorados. Tudo isso se fará se formos capazes de nos despirmos deste tempo que nos fez animais’*.

[...] A história da guerra que ele escreve em seu romance aponta para um compromisso com a ‘pequena história’, como se o romance pudesse restituir a voz àqueles que teriam sido silenciados. Sua versão da história aponta, especialmente, para uma valorização da *africanidade* a partir do respeito aos ancestrais e às tradições. Esse respeito implicaria, de certa forma, uma recuperação do sentido de humanidade, em que residiria a esperança de um futuro para o país.²⁴

²⁴ PAIANI, Flavia Renata Machado – A escrita da história em *Terra Sonâmbula* de Mia Couto. *História da Historiografia*. Ouro Preto, 13 (dez. 2013) 204-218, p. 215-216.

2. Através do corpo

Nem sempre é possível, contudo, seja em função da dor, seja de uma esperança intraduzível (ou temerosa de ser exposta e, em seguida, ridicularizada), dar-se vazão a esta palavra e sua escuta, permitindo que ela circule. A história "em trânsito" propugnada por Certeau apela então a uma segunda modalidade de significação – a partilha de sentido pela percepção do corpo do outro, de seus gestos, de seu toque, de seu semblante.

Gritos e lágrimas: afásica enunciação daquilo que sobrevém sem que se saiba de onde (de que obscura dívida ou escritura do corpo), sem que se saiba como [...]. Esses lapsos de vozes sem contexto, citações 'obscenas' de corpos, ruídos à espera de uma linguagem, parecem certificar, por uma 'desordem' secretamente referida a uma ordem desconhecida, que existe o outro. Mas ao mesmo tempo vão contando interminavelmente (é um murmúrio que jamais para) a expectativa de uma impossível presença que muda em seu próprio corpo os vestígios que deixou.²⁵

Lembremo-nos, porém, como já nos alertava Foucault, que o corpo consiste no último limiar a ser atingido pelos poderes-saberes²⁶ – logo, ele opera, simultaneamente, quer como registro e comunicação de uma experiência-limite de desapropriação de si, quer como palco e vítima desse ato. O filme *Incêndios*, de 2010, de Denis Villeneuve, relata de forma lapidar esta dupla condição da corporeidade:

A história começa por um reconhecimento: de dentro da piscina, com a visão ao nível d'água, Nawal observa os pés das pessoas de fora, e enxerga a marca inconfundível tatuada no calcanhar direito do filho no dia de seu nascimento. [...] Nawal, de família cristã, nascida em um país dividido pelo conflito étnico, nação não nomeada, [...] engravida de um refugiado muçulmano, este, morto pelos irmãos de Nawal ao saberem do romance. O bebê, que nasce em segredo graças à interferência da bisavó, é levado para um orfanato, não sem antes receber uma marca distintiva, três pontos tatuados [...].

Ao sair da piscina, ela caminha até ele, procura o seu rosto. Mas o que ela encontra no lugar exato de seu filho é a face de seu algoz, seu torturador,

²⁵ CERTEAU, Michel de – *A Invenção do Cotidiano*, p. 257-258.

²⁶ FOUCAULT, Michel – *O Poder Psiquiátrico*. São Paulo, Martins Fontes, 2006, p. 19: "[...] o que há de essencial em todo poder é que seu ponto de aplicação é sempre, em última instância, o corpo."

Abou Tarek. Dado para adoção ainda recém-nascido, ele fora sequestrado pelos muçulmanos, treinado para combater a milícia cristã [...]. Traumatizado pela guerra, frustrado em sua busca, ele se torna um carrasco sem causa, e vai atuar na tortura dos presos políticos em Kfar Ryat, particularmente, de Nawal, para ele, ‘prisioneira n. 72’.²⁷

Mas, se o drama da expropriação identitária perdura através do corpo, este trauma é também, surpreendentemente, superado através dele:

Nihad, fruto do amor entre Nawal e o refugiado muçulmano, se torna um violento torturador. Simon e Jeanne [são] frutos do ódio, da tortura e mesmo da perversão (após o estupro, Abou Tarek cruelmente desafia Nawal a cantar) [...]. Nesse contexto, duas cenas contrastantes chamam a atenção: numa delas, durante a gravidez dos gêmeos na prisão, Nawal é mostrada agredindo, violentamente, a própria barriga, pretendendo claramente exterminar as sementes da violência plantadas em seu corpo. Já quando grávida de Nihad, Nawal é vista usando seu mais precioso instrumento de sobrevivência diante da tortura – a voz – para acalantar o bebê que cresce dentro dela.²⁸

Dessa maneira, a experiência vivida, inclusive de perda, consiste em um entremeio entre o corpo e a palavra: “A voz, com efeito, transita no intermédio do corpo e da língua, mas num momento de passagem de um ao outro e como que na sua diferença mais frágil”²⁹. Essa mediação corpo-palavra é que possibilita, conforme a narrativa fílmica, uma ressignificação de ambos e o prosseguimento com a vivência de uma história pessoal e coletiva:

[...] os gêmeos Jeanne e Simon recebem uma curiosa incumbência: entregar uma carta ao pai que acreditavam morto e outra a um irmão cuja existência até então desconheciam. [...] Caso a missão conferida aos filhos não se realizasse, Nawal pedia para ser enterrada nua, face voltada para o solo, sem seu nome gravado em lugar algum. [...]

²⁷ VENTURA, Leonardo Carneiro – O passado à espreita, a história em alerta: uma leitura historiográfica do filme *Incêndios*, de Denis Villeneuve. *Inter-Legere*. Revista Semestral do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 14 (jan.-jun. 2014) 1-6, p. 1-3.

²⁸ SALEM, Pedro – Sobre *Incêndios*. *Psicanálise e Cinema*. Impasses e mutações na contemporaneidade. Rio de Janeiro, Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro, 3: 3 (2015) 105-114.

²⁹ [Consulta 31 ago. 2016]. Disponível em: <<http://historiaemprojetos.blogspot.com.br/2009/01/documentrio-occupation-101-vozes-da.html>>.

Apesar do ápice da saga de Jeanne e Simon ocorrer em solo árabe, sua conclusão depende do retorno ao lar. É apenas quando encontram Nihad no Canadá – um simples faxineiro cuja tranquilidade clínica remete à Banalidade do Mal vislumbrada por Hannah Arendt em Eichmann –, que podem finalmente quebrar a corrente de ódio que conduziu a vida de Nawal, reconciliando-se assim com suas próprias histórias. Na última cena, por sua vez, testemunhamos Nihad, em frente à lápide da prisioneira de número 72, num ato que podemos supor também de reconciliação com sua mãe e, quem sabe, com sua própria consciência moral.³⁰

Sobre esta ressignificação da história através da mediação corpo-palavra, afirma Certeau:

A lei feita carne pela escrita está registrada no corpo; ela coloca o corpo, chama o corpo, marca o corpo. Aqui, há um paradoxo: o corpo chamado passa por um sentimento de dor e prazer. Há o prazer de estar sendo chamado e, então, reconhecido: 'Dá-me teu corpo e eu te dou sentido, faço-te nome e palavra de meu discurso', diz a lei. Porém, tal inscrição implica em dor, uma vez que o corpo se opõe à lei. A fronteira final dessa oposição seria o grito. Para Certeau, talvez o grito seja a única expressão que não é colecionada pela instituição.³¹

A inclusão das manifestações do corpo em uma narrativa histórica "em trânsito" implica, portanto, na elaboração de narrativas desviantes, permeadas de hesitações, contradições e incompletudes³²; tal relato articula lembrança e esquecimento, percepções agudas e lacunas prováveis³³. Em paralelo, um recurso à imaginação mostra-se imprescindível, justamente porque a excepcionalidade ou até o absurdo da experiência demandam um esforço de simbolização³⁴.

³⁰ SALEM, Pedro – Sobre *Incêndios. Psicanálise e Cinema*.

³¹ JOSGRILBERG, Fábio B. – *Cotidiano e Invenção: os espaços de Michel de Certeau*. São Paulo: Escrituras, 2005, p. 51-52.

³² GAGNEBIN, Jeanne Marie – Memória, história, testemunho. BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Org.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. 2.^a ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2004, p. 89.

³³ KOLLERITZ, Fernando – Testemunho, juízo político e história. *Revista Brasileira de História*, 24: 48 (dez. 2004), p. 75.

³⁴ SELIGMANN-SILVA, Marcio – O testemunho: entre a ficção e o "real". In: IDEM (Org.). *História, memória, literatura. O testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Unicamp, 2003, p. 380.

Carta ao filho

Falo com o filho, não com o torturador. A promessa que lhe fiz no seu nascimento, meu filho, aconteça o que acontecer, sempre o amarei. Procurei você por toda a minha vida e o encontrei.

Você não poderia me reconhecer, mas você tem uma tatuagem no calcanhar direito. Eu a vi, eu o reconheci e achei bonito. Abraço você com toda doçura do mundo, meu amor, console-se. Nada é mais belo do que estarmos juntos; você nasceu do amor, assim como seu irmão e sua irmã também nasceram do amor. Nada mais belo do que estarmos juntos. Sua mãe Nawal Marwan, prisioneira 72.

Carta aos gêmeos

Quando os envelopes chegarem ao destinatário, uma carta será entregue e uma lápide poderá ser colocada no meu túmulo. Meu nome gravado nela, exposto ao sol. Meus amores, onde começam suas histórias? Com seu nascimento? Se for assim, ela começa com o horror. Com o nascimento do seu pai? Se for assim, ela começa como uma linda história de amor. Eu digo que a história começa com uma grande promessa. A de romper a corrente do ódio. Graças a vocês fui capaz de cumprir esta promessa. A corrente foi partida. Posso, finalmente, tomá-los em meus braços e cantar uma canção doce para consolá-los. Nada é mais belo do que estarmos juntos. Eu amo vocês. Sua mãe. Nawal Marwan 1949 a 2009 escrito na lápide.³⁵

Logo, é importante considerar, como esclarece Michel de Certeau, que uma história “em trânsito” reporta-se duplamente ao corpo: por sua colocação em discurso e em sua vivência em situação, a fim de captar/escutar as paixões e os devires que o atravessam. Transcrevo, nesta perspectiva, uma bela passagem de Michel de Certeau sobre a prática orante em antigos monastérios – traçando aqui uma relativa agregação entre o êxodo vivido por aqueles que se deslocam em prol de uma singular experiência com a alteridade divina e a temática deste Simpósio. No emprego que esses monges, itinerantes em busca de um Sentido simultaneamente transcendente e humanizado, fazem de seus corpos, é possível vislumbrar a aspiração do ser dito pelo outro através da corporeidade. Utopia continuamente retomada no cristianismo, mas também constante em versões secularizadas da cultura ocidental, ela reitera que é pelo toque do outro, pelo som de sua voz, pelo seu sopro, que o sujeito passa a existir, a “encarnar-se”. Em suma, é inevitavelmente também pelo corpo que o amor acontece.

³⁵ *Apud*: CANOSA, Lidinaura – *Incêndios. Psicanálise e Cinema*.

Como uma imagem, eu partirei da experiência de certos monges dos primeiros tempos da Igreja, nos séculos III e IV. À noite, eles ficavam em pé, na postura de espera. Eles estavam parados, como árvores, levando as mãos para o céu, voltados para o lugar do horizonte de onde devia aparecer o sol da manhã.

Toda a noite, seus corpos em desejo esperavam o raiar do dia. Era sua prece. Eles não tinham palavras. Para que palavras? Suas palavras eram seus corpos em estado de espera. O labor do desejo era sua prece silenciosa. Eles eram lá, simplesmente. E quando de manhã, os primeiros raios do sol atingiam a palma de suas mãos, eles poderiam sair e repousar. O sol tinha chegado.³⁶

Conclusão: morrer e amar na escrita “em trânsito”

A narrativa histórica “em trânsito”, imbricando palavra, corpo e tempo presentificado, nos aproxima do outro e nos recria. Nos recria? Em que sentido? Vimos que ela não nos devolve a uma origem perdida, a um referencial basilar. Muito pelo contrário, remete-nos a uma experiência de alteridade, de ser transpassado ou até amalgamado com a diferença, à medida que nos deixamos afetar. Ela pode inclusive conduzir-nos a uma fronteira derradeira – a de nossa existência enquanto entidades físicas e simbólico-políticas.

Eis que, então, reencontro-me com o texto de Flussner, que me adverte: esse intercâmbio tantas vezes tensional com outro pode, sim, suscitar uma agonia do mesmo, como no caso de paradigmas norteadores de nossa sociedade. Perceber isso não implica em desistência identitária – ato invertido de um exacerbamento de saberes e poderes, culminando no apagamento do “eu” sociocultural. De forma distinta, ele incita o Ocidente a reelaborações de suas utopias fundantes. Ouçamos o que ele nos diz:

Tal migração dos povos é constituída de ondas sucessivas de ‘bárbaros’ que invadem a cena [...]. Brotam dos úteros abertos de moças subnutridas, essas matriarcas do futuro. Se contemplarmos os rostos sofridos dessas moças de cor, reconhecemos neles a tripla violentação da qual são vítimas. Por parte dos seus próprios machos, por parte da sociedade da qual participamos, por parte dos aparelhos. Reconhecemos pois, em tal rosto, o nosso próprio passado: os nossos próprios crimes. [...] nosso progresso é método para evitar sermos devorados pelo passado que nos persegue. [...] progresso

³⁶ CERTEAU, Michel de – L'Expérience spirituelle. *Christus*, 17: 68 (oct. 1970) 488-498.

passou a ser forma de reação. Que somos reacionários, precisamente por sermos progressistas.

[...] O terror é o fato que a humanidade futura, os nenês famintos, avança na mesma direção que nós estamos fugindo. [...] Em outros termos: devemos admitir que o nosso mundo está morrendo, e devemos amar isto.³⁷

Espantosamente, Flussner nos convida a aprender a morrer, derradeira desinstalação. Não se trata de um escapismo, mas de uma transmutação da perda, do sofrimento, em uma dor de parto, de um porvir diferenciado, através da qual a desintegração de um modo de vida pode consistir em uma experiência de liberdade, plena de possibilidades futuras³⁸:

Se aprendermos tal arte suprema, *ars moriendi*, o terror da atualidade virará 'aventura' [...]. E, curiosamente, poderemos doravante morar novamente. Porque a abertura para a morte é a verdadeira morada do homem, esse ente que existe para a morte. Na migração atual dos povos, temos o privilégio de poder vivenciar a abertura para a morte não apenas individualmente, mas coletivamente. Estamos vivenciando a abertura para a morte da nossa cultura.

[...] Devemos aprender a descobrir a beleza no terror do evento. Descobrir a beleza nos nenês famintos e nas moças de cor sofridas. Para falarmos arcaicamente: devemos aprender a amá-los. E como amor é reconhecimento do outro, devemos aprender a nos reconhecer no futuro que nos persegue, e o qual é nosso próprio passado. Devemos, em outros termos, amar o futuro que já não é mais o nosso.³⁹

Aprender a morrer consiste, portanto, em uma maneira muito própria de aprender a amar. Esta dúplice experiência, de morte de si e afeto generoso ou gratuito ao próximo, foi também abordada por Michel de Certeau que, por sua vez, a encadeia à enunciação de um discurso que busca dar conta do ato de viver. Afinal, cada instante em que o sujeito se investe no mundo é, simultaneamente, um tempo de perda e de partilha, transcorrido através da palavra proferida por um corpo que conta sua história.

Existe no entanto uma coincidência primeira e derradeira entre morrer, crer e falar. Com efeito, ao longo de toda a minha vida, não posso afinal crer a não ser em minha morte, caso crer designe uma relação ao outro, que me

³⁷ FLUSSER, Vilém – *Pós-história*.

³⁸ FEITOSA, Charles – *Pensar/migrar: filosofia da migração em Vilém Flusser*.

³⁹ FLUSSER, Vilém – *Pós-história*.

precede e não cessa de se aproximar. Nada existe de tão 'outro' como a minha morte, índice de toda a alteridade. Mas nada tampouco precisa o lugar de onde posso dizer o meu desejo do outro, minha gratidão de ser – sem fiador nem penhor a oferecer – recebido na linguagem impotente de sua expectativa; nada portanto define com maior exatidão que minha morte o que é falar.⁴⁰

Dessa maneira, talvez a disposição mais requerida ao interlocutor-intérprete para a prática da escrita histórica "em trânsito" aqui proposta seja de cunho fiduciário, ou, como diria Michel de Certeau, um ato paradoxal de crer. Afinal, tal narrativa suscita nos ouvintes, inclusive no historiador, efetiva desinstalação de lugares de fala *a priori* demarcados, mas também, não raramente, uma comunhão com esse outro que lhe escapa, ultrapassa ou transcende:

Crer é 'lançar-se' ou 'seguir' (gesto marcado por uma separação), sair de seu lugar, ser desapossado por esse exílio fora da identidade e do contrato, renunciar à posse e à herança, deixando-se guiar pela voz do outro, estar dependente de sua vinda ou de sua resposta. Esperar assim do outro a morte e a vida, acolher de sua voz a alteração incessante do corpo próprio, [...] uma colocação à distância de si, por uma reviravolta que se faz sinal, eis sem dúvida o que a irrupção do crer introduz no interior ou nos liames de todo sistema [...].⁴¹

Referências bibliográficas

- "A cada dez minutos, nasce uma criança sem nacionalidade no mundo, estima ONU". *Opera Mundi*, 3 nov. 2015. [Consulta 30 ago. 2016]. Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/mundo/2015/11/a-cada-10-minutos-nasce-uma-crianca-sem-nacionalidade-no-mundo-estima-onu-3855.html>>.
- "Alguns traços da vida e obra de Vilém Flusser". *IHU On-Line*. 20 ago. 2012. [Consulta: 30 ago. 2016]. Disponível em: < http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4565&secao=399>.

⁴⁰ CERTEAU, Michel de – *A Invenção do Cotidiano*, p. 297-298.

⁴¹ IDEM – *La Faiblesse de Croire*. Paris: Seuil, 1987, p. 302. No original: "Croire, c'est 'venir' ou 'suivre' (geste marqué par une séparation), sortir de son lieu, être désarmé par cet exil hors de l'identité et du contrat, renoncer ainsi à la possession et à l'héritage, pour être libre à la voix de l'autre et dépendant de sa venue ou de sa réponse. Attendre ainsi de l'autre la mort et la vie, espérer de sa voix l'altération incessante du corps propre [...] une mise à distance de soi par un retournement qui 'fait signe', voilà sans doute ce que la coupure croyante introduit à l'intérieur ou dans l'entrejeu de tout système [...]."

- BIGNOTTO, Newton – Arendt e o totalitarismo. *Revista Cult*, 129 (14 mar. 2010). [Consulta: 31 ago. 2016]. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/arendt-e-o-totalitarismo/>>.
- CERTEAU, Michel de – *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CERTEAU, Michel de – *Écritures*. In: CENTRE GEORGES POMPIDOU. *Michel de Certeau*. Paris: Centre Pompidou, 1987.
- CERTEAU, Michel – L'expérience spirituelle. *Christus*, 17: 68 (oct. 1970) 488-498.
- CERTEAU, Michel de – *La Faiblesse de Croire*. Paris: Seuil, 1987.
- CERTEAU, Michel de – *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CERTEAU, Michel de – Mystique et politique, ou l'institution comme objet second. In: GIARD, Luce; MARTIN, Hervé; REVEL, Jacques. *Histoire, mystique et politique. Michel de Certeau*. Grenoble: Jérôme Millon, 1991, p. 42-44.
- FEITOSA, Charles – Pensar/migrar: filosofia da migração em Vilém Flusser. [Consulta 31 ago. 2016]. Disponível em: <<https://revistapolichinelo.blogspot.com.br/2011/05/pensar-migrar-filosofia-da-migracao-em.html>>.
- FLUSSER, Vilém – *Bodenlos: uma autobiografia filosófica*. São Paulo: Annablume, 2007.
- FLUSSER, Vilém – *Pós-história: vinte instantâneos e um modo de usar*. São Paulo: Duas Cidades, 1983.
- FOUCAULT, Michel – *O Poder Psiquiátrico*. São Paulo, Martins Fontes, 2006.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie – Memória, história, testemunho. BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Org.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. 2.^a ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie – Verdade e memória do passado. In: IDEM. *Lembrar. Escrever. Esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2009.
- GIARD, Luce (Org.) – *Le Voyage mystique, Michel de Certeau*. Paris: Recherches de Sciences Religieuses/Du Cerf, 1988.
- JARDIM, Denise F. – Imigrante ou refugiado: diferentes perspectivas de vida. *IHU On-Line*. 23 maio 2011. [Consulta: 31 ago. 2016]. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3878&secao=362>
- JOSGRILBERG, Fábio B. – *Cotidiano e Invenção: os espaços de Michel de Certeau*. São Paulo: Escrituras, 2005.
- KOLLERITZ, Fernando – Testemunho, juízo político e história. *Revista Brasileira de História*, 24: 48 (dez. 2004).
- LECHNER, Elsa – Subjetividades confiscadas: silêncios e silenciamentos num terreno etnográfico. *Fórum Sociológico*, 22 (2012) 83-89.
- MARGATO, Izabel – “Fumar ao Espelho”: relações, posicionamentos, citações. In: MARGATO, Izabel; GOMES, Renato Cordeiro (Org.). *Espécies de espaço: territorialidades, literatura mídia*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

- PAIANI, Flavia Renata Machado – A escrita da história em *Terra Sonâmbula* de Mia Couto. *História da Historiografia*. Ouro Preto, 13 (dez. 2013) 204-218.
- PEREIRA, Rosa Martins Costa; GIL FILHO, Sylvio Fausto – Uma leitura da mundanidade do luto de imigrantes, refugiados e apátridas. *GeoTextos*, 10: 1 (dez. 2014) 191-214.
- PINTO, Paulo Mendes – “Hoje Bruxelas, amanhã talvez Portugal”: desafios em tempos de refugiados, migrantes e terrorismo. 4 maio 2016. [Consulta: 30 ago. 2016]. Disponível em: <<http://visao.sapo.pt/opinioao/bolsa-de-especialistas/2016-04-05-Hoje-Bruxelas-amanha-talvez-Portugal-desafios-em-tempos-de-refugiados-migrantes-e-terrorismo>>.
- RIZZI, Philippo – De Certeau, um “sujeito de inquietação verdadeira”. *IHU On-Line*, 12 jan. 2016. [Consulta: 12 jun. 2016]. Disponível em: <<http://ihu.unisinos.br/noticias/550739-de-certeau-um-qsujeito-de-inquietacao-verdadeiraq>>.
- SALEM, Pedro – Sobre *Incêndios. Psicanálise e Cinema*. Impasses e mutações na contemporaneidade. Rio de Janeiro, Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro, 3: 3 (2015) 105-114.
- SELIGMANN-SILVA, Marcio – O testemunho: entre a ficção e o “real”. In: IDEM (Org.). *História, memória, literatura. O testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Unicamp, 2003.
- SOUZA, Marcia Maria Cabreira M. de; GERALDO, Denilson – Migração e urbanização no contexto da evangelização. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, 48: 2 (mai./ago. 2016) 335-355.
- TRPIN, Verónica; JARDIM, Denise F. – Tendencias de los estudios migratorios en Brasil y Argentina: desafios actuales. *Odisea. Revista de Estudios Migratorios*, 2: 8 (oct. 2015) 134-156.
- VENTURA, Leonardo Carneiro – O passado à espreita, a história em alerta: uma leitura historiográfica do filme *Incêndios*, de Denis Villeneuve. *Inter-Legere*. Revista Semestral do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 14 (jan.-jun. 2014) 1-6.